Divagações em torno de uma grande mentalidade.

Publicando algumas idéas sobre o papel, que representa a *lei de associação das idéas* no systema philosophico de Herbert Spencer, antes de entrar no assumpto, preciso de fazer algumas considerações preparatorias, umas de caracter pessoal tendentes a explicar minha apparição nesta Revista, bem como minha dedicação ao estudo de questões desta ordem, outras ainda de caracter pessoal, tendentes a explicar meu ponto de vista e coordenar as idéas, que pretendo desenvolver.

Considerações pessoaes. Quando em 1889 retirei-me do Ceará com destino ao Rio de Janeiro, havia resolvido abandonar para sempre a politica, afim de entregar-me exclusivamente ao cultivo de certos estudos para os quaes me sinto com especial aptidão. Se não fiz neste sentido uma declaração, despedindo-me pela imprensa de alguns amigos a quem era grato, é que ligo pouca importancia ás declarações desta ordem, além de que não tinha compromisso com nenhum dos partidos militantes, tendo sido rapida, quasi de todo insignificante a minha passagem pela politica do Ceará.

Ainda não havia tomado uma deliberação definitiva no sentido de collocar-me de modo a assegurar-me das necessidades da vida, e estava no Rio, pensando em matricular-me na Escola Polytechnica, quando foi proclamada a republica. Esse facto produsiu sobre meu espirito impressão tão profunda que cheguei a desistir de uma resolução, que suppunha inabalavel.

Vi que ia entrar o paiz n'uma era de grandes reformas e edificantes reconstrucções. Acreditei que iam ser realisadas todas as promessas sonhadas pelos propagandistas da republica. Considerei tão solemne o mo-

mento que cheguei a apaixonar-me por ella, pensando que nenhum cidadão devia conservar-se extranho ás agitações, que deviam manifestar-se.

O resultado é que, quando menos se devia esperar, eu me achava em terra cearense. Tive um convite para ir collaborar na politica republicana de outro Estado; mas preferi voltar para a terra de meu berço, onde tinha amigos e onde esperava ser acolhido com benevolencia.

Quem me conhece de perto, sabe o que succeden. Eu tinha um ideal incompativel com as nossas condições sociaes, um ideal talvez absurdo considerando-se as circumstancias do meio; e porque conheci que era impossivel realisal-o, condemnei tudo o que se fazia. A impaciencia de que me achava possuido e o estado de excitação em que estava precipitaram meu procedimento, e descrendo de todos e de tudo, considerei inimigos todos os que não se mostravão de accordo com o meu ponto de vista. Cheguei a ser dominado pela intolerancia dos fanaticos. Tudo o que eu sonhava de bom vi transformado em anarchia e desordem, perturbação e injustiça. Comprehendi que o patriotismo é uma palavra sem sentidos e perdi minha fé no direito. Foi uma lucta terrivel a que se operou em meu espirito; e a republica passou e eu fiquei fóra.

Sem comprehender de principio as grandes vantagens desta situação, cheguei a ter momentos de desalento profundo; mas foi justamente num destes momentos que a vida me voltou ao coração e ao espirito.

Foi num dos dias mais agitados da patria republicana. Eu estava só. Se considerava o futuro, via tudo profundamente sombrio; e se voltava-me para o passado, era procurando algum crime que houvesse commettido e em cuja expiação estivesse reduzido ao isolamento. Era noite. Na impossibilidade de adormecer, levantei-me o sahi. Silencio profundo. A sociedade estava adormecida; o ceu estava sem nuvens. A frescura da noite alentou-me e eu comecei a sentir que

uma força desconhecida me penetrava as profundezas do ser. Brilhavam no ceu innumeras estrellas e eu senti-me repentinamente dominado pela idéa de que uma grande verdade enche o mundo.

Comecei a reflectir na affirmação de Shopenhauer de que o mundo é um producto do cerebro. E disia commigo mesmo : Mas como pode ser isto ? Como pode a minha cabeça produsir todas estas cousas maravilhosas que vejo ? Entretanto Shopenhauer teve o arrojo de affirmar que semelhante absurdo é uma verdade evidente. Dar-se-á que fosse um louco ? Não é admissivel nem pode crer-se que quizessa zombar da posteridade, quando disse prefaciando a sua obra : « Não é a meus contemporaneos, não é a meus compatriotas, é á humanidade que offereço a minha obra desta vez completa, na esperança de que della poderá tirar algum fructo. »

Quando assim reflectia, notei que o ceu cada vez se tornava mais limpido e as estrellas cada vez derramavam mais luz. Pensei nesta outra proposição de Shopenhauer : « Experimentalmente minha cabeça está dentro do espaço ; trauscendentalmente o espaço está dentro de minha cabeça. » Comprehendi tudo. O pensamento do grande philosopho allemão revelou-se-me em toda a sua clareza. Li através da luz das estrellas a decifração do inigma do mundo.

Foi então que voltei a pensar na politica e vendo ante a magestade da natureza quanto é pequena a sociedade, tive horror de me haver posto em contacto com o interminavel conflicto dos *miseraveis pequenos interesses* de que se compõe a lucta ordinaria da vida.

— Porque fiquei triste ? — disse eu. Porque devo queixar-me das circumstancias que me impediram de levar algum contingente para a constituição de minha patria, quando posso concorrer com alguma cousa para a constituição do universo ? —

E pensando assim, comprehendi que antes devia felicitar-me ; e se fosse permittido accreditar que al-

guma cousa intervem na direcção dos negocios humanos, além das forças naturaes, devia suppor que um genio especial preside ao meu destino, affastando-me da politica, para entregar-me ao que é de minha verdadeira e natural predilecção.

Foi alguns dias depois que encontrando-me com o illustre mestre, Dr. Paulino Nogueira, este com a bondade que lhe é natural e com o interesse de que sempre se mostra possuido pelo meu bem estar, perguntou-me em que me occupava, estranhando não ver-me ha muito tempo.

—Escrevendo, respondi-lhe.

—Oh! então dê-me alguma cousa para a Revista do Instituto — replicou.

Bem se vê que eu não podia faltar a um pedido, que tanto me honrava. Prometti e é em cumprimento desta promessa que sae esta publicação.

Ainda considerações pessoaes. — Todos os meus escriptos estão subordinados a uma idéa geral, que domina meu pensamento. Mesmo quando quero divagar em terreno differente daquelle que constitue propriamente a esphera de minha actividade mental, involuntariamente volto para elle. E' uma fatalidade a que não posso furtar-me. Só leio certos e determinados livros, como só escrevo sobre certas e determinadas materias. Tudo o mais me é indifferente. E' por isto que o ligeiro trabalho, que ora apresento sobre Spencer, em vez de ser um trabalho especial sobre Spencer, é uma vista geral sobre as idéas de Spencer, no intuito de esclarecer outras questões com que mais ou menos se relacionam. Não é um trabalho completo, é apenas um dos capitulos de um trabalho mais vasto que está sendo elaborado e hade ser publicado um dia. Entra n'uma serie de estudos de que parte, sob o titulo de *Methodo Associacionista*, já foi publicado na « Revista Moderna », pequena revista de que apenas sairam tres numeros nesta capital, sob a direcção de meu amigo

Adolpho Caminha, distincto poeta e jornalista cearense. O *Methodo Associocionista*, por sua vez, é uma das secções da primeira parte de um livro, que pretendo publicar sob o titulo de *Finalidade do mundo*.

Comprehende-se assim que o trabalho agora publicado não pode deixar de ser imperfeito e obscuro, porque além de que são grandes as difficuldades com que lucto para tratar de questões por sua natureza difficeis, accresce que meu pensamento só imcompletamente se manifesta. .

Uma ultima observação. Que resultado posso esperar de occupar-me em escrever sobre semelhantes assumptos? Que recompensa pode haver para o meu trabalho quando é certo que as questões de que me occupo são em extremo complicadas e não poderão ser resolvidas sem esforço? Que vantagens para mim, que interesse para o publico? Eu não estou mais em epocha de escrever pela simples vaidade de escrever. Quem me conhecer de perto hade fazer-me esta justiça. Encaro a vida pelo lado positivo e real; e não só por educação, como tambem por temperamento, sou daquelles que não se deixam facilmente seduzir por futilidades. Para que escrever no Brazil sobre as questões com que preoccupam-se Spencer, Stuart Mill, Noiré e tantos outros mas em meio diverso? Não seria preferivel que procurasse aprofundar-me no estudo de nosso direito positivo? Ha ahi tanta lacuna a preencher, tanta questão importante a explanar. E agora depois dessa immensa legislação revolucionaria da republica, que tudo alterou e em tudo procurou lançar bases novas, que grandioso edificio ainda quasi todo por construir-se e consolidar-se? Não seria preferivel que eu procurasse levar tambem para elle a minha pequenina pedra? E tenho convicção de que se a isto seriamente me dedicasse, havia de produzir alguma cousa. E o que fizesse havia de ter então resultado immediato e eu poderia melhorar as minhas condições pecuniarias, tornando-me (quem sabe?) talvez independente. Ou se não quizesse de todo

escrever sobre o direito, tornando-se desnecessario o meu esforço, por haver já no paiz tanto jurista abalisado, não seria preferivel que deixasse de escrever, que me dedicasse exclusivamente ao exercicio da advogacia ou a outra profissão qualquer menos pesada e mais rendosa?

São perguntas estas que a mim mesmo mil vezes tenho feito.

Nada disto me demove. Tenho uma idéa, que me parece fecunda e custe o que custar, emquanto tiver vida, heide trabalhar por external-a. Dinheiro? Sei bem que é a condição de independencia e esta a condição da liberdade, e a liberdade é o meu sonho; mas o que me é preciso para as necessidades ordinarias da vida, hei de ganhar, e tenho fé que não heide ser pesado á sociedade, nem até agora tenho sido perseguido por credores. Já não me espantam difficuldades, nem me aterroriza o perigo.

O que pode acontecer de mais grave ao homem? Morrer? Mas não é isto uma cousa tão natural e tão simples?

Entretanto não se pense, porque assim fallo, que o livro, que estou escrevendo e a que mais de um interesse hei sacrificado, seja uma obra de pura phantasia, sem nenhuma significação para o jogo das pequeninas miserias da vida, sem nenhum relação com os interesses positivos da sociedade. Os que me acompanharem até o fim hão de ver que tenho em vista um fim pratico e que o meu trabalho não é inutil.

Perdoe-me o leitor que teve a paciencia de acompanhar-me até aqui. A digressão já vae longa; mas eu tinha necessidade de tornar conhecidas as disposições do meu espirito.

E dito isto, como simples advertencia, preparemo-nos para entrar no assumpto, como quem se prepara para entrar n'um grande templo. A importancia das idéas que vão ser analysadas dá direito a esta comparação,

sendo desnecessario observar que se merece respeito a discussão em que vamos entrar, é isto não pela pessoa que vae discutir, mas pela devoção da materia que se discute.

Spencer é um dos grandes pensadores do seculo. Mill não hesita em collocal-o no numero dos maiores, accrescentando que pela solidez e caracter encyclopedico de seus conhecimentos está perfeitamente nas condições de ser tractado de igual a igual com o fundador da philosophia positiva (1). E' uma gloria européa e nenhuma grande questão contemporanea das que tornam tão agitado o espirito moderno deixou de ser por elle estudada e de modo original e fecundo. Os proprios positivistas não contestam seu alto valor philosophico, mesmo os positivistas brazileiros, intransigentes e estreitos que levam a tal ponto seu fanatismo por Comte, que parecem desconhecer tudo o mais além d'elle, considerando-o espirito superior a todos os espiritos, negando a todos o direito de criticar-lhe as doutrinas. Pertence ao pequeno numero dos que não se limitam a reproduzir o que outros fizeram. Creou um systema e suas obras, que são numerosas, constituem um edificio monumental, havendo não sómente harmonia na forma, como perfeita unidade de pensamento. Grant Allen considerava-o a maior encarnação da philosophia evolucionista. Ribot diz d'elle: « E' um espirito formado e disciplinado pelas buscas scientificas: faz mais do que dissertar sobre o methodo: pratica-o.» Darwin o chama *the great philosopher*. E tractando de sua concepção philosophica diz Huxley: « A unica exposição completa e methodica, que conheço da theo-

(1) Comprehende-se a rasão desta comparação conhecido o respeito que tinha Stuart Mill por Augusto Comte e lembrado o facto de que quando Mill se expressava deste modo Comte se achava no apogeu de sua gloria.

ria da evolução, acha-se no *Systema de philosophia* de Herbert Spencer, obra que devem cuidadosamente estudar todos aquelles que desejam instruir-se sobre as tendencias actuaes do movimento scientifico. »

Tal é a opinião corrente. Merecem sem duvida grande respeito juizos emittidos por tão altas autoridades, mas isto por certo não deve impedir-nos de por nossa vez emittir as nossas impressões pessoaes. Admiramos a profundeza e extensão dos conhecimentos de Spencer que de tudo tractou e em tudo foi mestre; mas ha em seu modo de escrever, na coordenação de suas idéas, um não sei que de nebuloso que não nos agrada. Não é que não seja claro. Neste sentido seria injustiça accusal-o, sendo que em suas obras a demonstração é precisa e a exposição geral perfeitamente methodica. Mas fica-se cançado estudando-o. Ha talvez superabundancia de provas ou preoccupação de metter a força o assumpto na cabeça do leitor. Spencer accumulára uma quantidade enorme de conhecimentos e deixa-os inconscientemente escapar na illustração das doutrinas que expõe, ou a não ser assim, desconfia da intelligencia do leitor e repete-lhe factos e mais factos. Não é sem trabalho que se chega ao fim de seus grossos volumes e se bem que nenhum capitulo deixe de ser sem interesse pela maneira curiosa porque todos se prendem á doutrina geral, é uma leitura, que fatiga, a de Spencer.

E' verdade que a sciencia é trabalhosa, mas pode-se fazel-a menos dura, tornando-a mais harmonica. Spencer é aspero. Não é espirito para preoccupar-se com o rendilhado da phrase; mas é preciso attender que a palavra tem tambem uma especie de poder magico e é preciso ter arte em manejal-a. Presta-se de modo admiravel ás constrncções originaes do conhecimento intuitivo e é então que verdadeiramente se conhece a sua força. Spencer liga-se de preferencia a formulas abstractas.

E' por isto que a sua leitura fatiga. Não nos acon-

tece a mesma cousa quando lemos Hœkel, Stuart Mill, Shopenhauer. Em Stuart Mill o pensamento manifesta-se com muito mais luçidez. E' a rasão porque não vacillamos em preferil-o a Spencer. Spencer produziu mais; Mill produziu melhor. Spencer é mais architetonico; Mill é mais verdadeiro e mais claro.

Comparando-os, podemos empregar uma imagem, que nos tornará mais claro o pensamento. Supponhamos que a consciencia possa ser imaginada como corpo. Não ha constrangimento em pensal-a deste modo. Cheguemos mesmo a determinar-lhe a forma: supponhamos que a consciencia é um lago. Neste caso, querendo estudal-a, Spencer observa do alto, lendo através das aguas o que se acha escripto no fundo. Mill não limita-se a essa observação exterior: mergulha no lago, procurando observar directamente, ou antes procurando apalpar os objectos. Um vê de longe, esforçando por dar uma idéa precisa da forma exterior do phenomeno: o outro estuda o phenomeno por sua face subjectiva e se esforça por comprehendel-o e explical-o em seus elementos mais intimos. Spencer considerando a alma um producto da natureza procura explical-a, explicando a genese dos nervos; Mill leva a crer que ao lado da materia está sempre o espirito, e que ambos, materia e espirito, são indestructiveis e eternos como propriedades fundamentaes da substancia intangivel de que resultam as combinações indefinidas do cosmos. Spencer mais importante; Stuart Mill mais luminoso.

Já vimos as grandes linhas do pensamento de Mill (2); passemos agora ao exame das idéas de Spencer, sendo que não se tracta do conjuncto de seu systema que abraça todos os conhecimentos humanos, mas unicamente do que diz respeito á psychologia,

(2) E' bom não esquecer que esse escripto liga-se a outro trabalho de que apenas uma pequena parte foi publicada sob o titulo de Methodo Associacionista. E' ahi que tractamos de Mill.

nem mesmo de tudo o que diz respeito á psychologia, mas unicamente do que tem relação com o methodo associacionista, se bem que, rigorosamente fallando, nenhuma sciencia, como nenhum ramo de qualquer sciencia, possa ser considerada de todo isoladamente, sendo certo que na natureza, como nopensamento, tudo se liga, tudo se prende, formando uma cadeia impenetravel de que nenhum orgão pode ser considerado independentemente dos outros.

I

Methodo associacionista: elementos e lei do espirito.

Tractando-se do methodo associacionista propriamente dicto, os mesmos principios sustentados por Mill, por Bain, são em seus caracteres geraes acceitos por Spencer que apenas os submette a technologia especial do systema da evolução; e se bem que se eleve, até certo ponto, a conclusões divergentes, parte em todo o caso da mesma base commum a todos os pensadores inglezes da eschola experimental. O espirito cuja substancia não pode ser conhecida, como tambem não pode ser conhecida a substancia da materia, compõe-se considerado em seus elementos proximos, desde que não o pode ser em seus ultimos elementos, de estados de consciencia e relações entre os estados de consciencia. Os estados de consciencia são por assim dizer porções da consciencia e como taes distinguem-se das relações que são apenas um resultado da combinação entre os estados de consciencia. As relações não têm individualidade distincta, nem occupam propriamente um logar na consciencia. Os estados podem ser decompostos, as relações não, porque apenas servem de laço de união entre os estados. E' verdade que levando a analyse ao extremo, a propria relação pode ser considerada uma especie de estado de consciencia; mas é

um estado de consciencia *sui generis*, que não tem existencia propria e desapparece logo que se faça desapparecer os estados reaes de cuja combinação resultou e entre os quaes se estabelece. E' nisto que está a differença essencial. Tanto os estados como as relações são, porém, indispensaveis á vida do espirito e se os primeiros occupam por assim dizer mais espaço na consciencia, é pelas segundas, isto é, pelas relações que as operações mais complicadas se produzem.

Os estados de consciencia são de duas especies: uns vêm do centro, outros da peripheria: os primeiros chamam-se emoções; os segundos, sensações.

As sensações por sua vez comprehendem dous grupos: as sensações causadas por alguma acção produzida na extremidade dos nervos destribuidos sobre a superficie externa e que como taes implicam agentes externos; e as sensações causadas por alguma acção produzida na extremidade dos nervos destribuidos no interior do corpo e que como taes não implicam agentes externos. Ficam, pois, os estados de consciencia reduzidos a estes tres grupos: emoções, sensações externas, sensações internas. Spencer os chama estados de consciencia *centraes, epiperiphericos* e *entoperiphericos*.

Todos estes estados de consciencia, quer se tracte das emoções, das sensações externas ou das sensações internas, têm duas formas: a forma viva ou real e a forma fraca ou ideal. A primeira tem por base a estructura; a segunda, a funcção.

Quanto ás relações entre os estados de consciencia, podem ser de coexistencia ou successão, comprehendendo tanto umas, como outras, estas duas especies geraes: relações de *semelhança* e relações de *differença*, sendo mesmo esta ultima, segundo Spencer, a divisão fundamental, porquanto é da idéa de differença ou mudança que resulta a verdadeira noção das relações entre os estados de consciencia. Nas relações de differença distingue-se relações de intensidade descen-

dente e relações de intensidade ascendente, conforme se passa de uma quantidade de estados de consciencia maior para outra menor ou *vice versa*. E distingue-se ainda; relações de *differença quantitativa* e relações de *differença qualitativa*, comprehendendo as primeiras as relações que se produzem entre estados de consciencia da mesma natureza, mas differentes em grau; comprehendendo as segundas as relações que se prozem entre estados de consciencia de natureza diversa.

A lei reguladora dos estados de consciencia, como das relacões entre os estados de conciencia, é, como se sabe e deduz-se do espirito geral da doutrina, a lei da asssociação; e é dos estados de consciencia, como das relações entre os estados de consciencia, em suas multiplas combinações, que resultam todas as operações do espirito.

Comquanto não seja assim tão claramente formulado o principio, é o que sem difficuldade deduz-se dos longos desenvolvimentos a quem Spencer submette o assumpto. Sernos-ia, porém, indispensavel acompanhal-o uestes longos desenvolvimentos, sendo sufficiente observar que as suas doutrinas, pondo de parte a technologia especial de seu systema, são as mesmas de Bain e de Mill. Ribot observa em todo o caso que Spencer, mesmo aqui, tem idéas originaes, reduzindo-as especialmente aos dous pontos seguintes:

I As associações indissoluveis resultam da *transmissão hereditaria*. Estas associações têm uma força invencivel porque são a consequencia de experiencias accumuladas não sómente no individuo, mas em todos os seus antepassados humanos e, para algumas, como para o tempo e o espaço, em todos os organismos animaes de que derivam os organismos humanos, segundo a theoria evolucionista.

II Spencer dá á lei da associação uma base physiologica. O processo de associação dos estados de consciencia é automatico. Cada estado de consciencia entra instantaneamente na classe, na ordem, no genero, na

especie, na variedade dos estados de consciencia anteriores semelhantes a elle. Assim a sensação de vermelho é immediatamente collocada em sua classe (epiperipherica), em sua ordem (visual), em seu genero (vermelho),em sua especie (escarlate) etc. Em uma palavra, só ha uma lei de associação: é que cada phenomeno se aggrega com seus semelhantes no tempo.

Spencer vae mais longe. Chega mesmo a localisar na estructura nervosa cada um dos processos especiaes de associação. E' assim que tractando da associabilidade dos estados de consciencia, estabelece o seguinte: « A associabilidade dos estados de consciencia com os de sua especie propria, grupo num grupo, corresponde á disposição geral das estructuras nervosas em grandes divisões e subdivisões. Os estados de consciencia centraes nascem nas grandes massas cerebraes; e a connexão subjectiva, que se nota na associação instantanea de cada estado de consciencia com sua classe, corresponde á connexão objectiva entre uma série de acções nervosas, que se produzem nestas grandes massas, e outras séries de acções nervossas que se produziram nas mesmas massas. As sensações periphericas causadas por desordens na superficie ou interior do corpo têm sua séde na massa — ou nas massas nervosas subjacentes (mas provavelmente a medulla allongada é o unico centro sensacional) e a classificação de um destes estados de consciencia com as sensações em geral, em vez de ser com as emoções, corresponde á connexão entre uma mudança nervosa nesta massa subjacente e outras mudanças nervosas nella produsidas. O mesmo com relação ás principaes sub-classes. » E assim por diante; e se as idéas são ahi vacillantes, problematicas e as vezes até arbitrarias, é isto devido não á falsidade da doutrina em geral, mas ás imperfeições da sciencia, que apenas começa a fazer entrada em terreno tão difficil, sendo ainda rudimentar, quasi insignificante o resultado de suas pesquizas. Spencer não pensa talvez deste modo: dá como certas, perfeitamente provadas as suas

investigações e parece fallar-nos com convicção. Mas podemos descançar em suas affirmações, como na certeza objectiva? Que os phenomenos pscychicos dependem da estructura nervosa é o que não se pode admittir que seja susceptivel de duvida; mas saber dar a cada phenomeno, a cada funcção de caracter psychico, mesmo ás mais simples e menos perceptiveis, o nervo a que se liga, o tecido ou massa nervosa a que se prende, é o que nos parece ser muita ousadia ou mesmo temeridade nas condições actuaes da sciencia.

Tractando-se das relações entre os estados de consciencia, diz Spencer: « As mudanças nas cellulas nervosas são os correlativos objectivos do que conhecemos subjectivamente como factos de consciencia, e as descargas que atravessam as fibras que unem as cellulas, são os correlativos objectivos do que conhecemos subjectivamente como relações entre os estados de consciencia. D'ahi resulta que assim como a associação de um estado de consciencia com sua classe, sua ordem, seu genero, sua especie, corresponde á localisação da mudança nervosa em alguma grande massa de cellulas nervosas, em alguma parte desta massa, em alguma parte desta parte etc., do mesmo modo a associação de uma relação com sua classe, sua ordem, seu genero, sua especie, corresponde á localisação da descarga nervosa em algum grande aggregado de fibras nervosas, em alguma divisão deste aggregado, em algum feixe desta divisão. »

E' curiosa a maneira porque Spencer, partindo destes principios, desenvolve e explica o processo da formação das idéas. As variadas e successivas combinações dos estados de consciencia e das relações entre os estados de consciencia entre si, dão logar ao que Spencer chama a composição do espirito; mas estas combinações dão-se não sómente entre os estados de consciencia em sua forma viva, mas tambem entre os estados de consciencia em sua forma fraca ou ideal. Nisto está a transição da vida real para a vida do pensamento.

« Cada côr particular, cada som especial, cada sensação de tacto, gosto ou odor, diz Spencer, é ao mesmo tempo conhecida como differente das outras sensações que limita no espaço e no tempo, e como semelhante ás formas fracas de certas sensações que a precederam no tempo : une-se ás sensações anteriores de que differe, não em qualidade, mas em intensidade. E' desta lei de composição que depende a ordem na estructura do espirito. »

Se não fosse esta propriedade dos estados de consciencia, o espirito seria, como diz Spencer, um presente perpetuamente transformado, sem passado nem futuro. Mas os estados de consciencia vivos ligam-se ás formas fracas de estados de consciencia semelhantes e anteriores : d'ahi a idéa, que é a unidade do conhecimento. Pela memoria o espirito estende-se no passado e pelo raciocinio eleva-se á previsão do futuro, envolvendo por assim dizer a natureza. E podemos desde logo formar uma idéa da elevada significação do conhecimento que é no systema especial, que adoptamos, a idéa fundamental, constituindo o fim a que tende toda a evolução natural em suas infinitas operações.

A idéa é a unidade do conhecimento. Um estado de consciencia vivo não constitue por si só esta unidade ; não a constitue igualmente um estado de consciencia fraco. E como se explica neste caso a genese da idéa? A idéa nasce quando um estado de consciencia vivo liga-se a um ou a muitos estados de consciencia fracos, residuos dos estados de consciencia vivos precedentemente experimentados. A idéa é, pois, uma integração, podendo-se dizer que do mesmo modo que uma sensação é uma serie integrada de choques nervosos, a idéa é uma serie integrada de sensações semelhantes. Mas este processo, como diz Spencer, não se limita á união de cada estado de consciencia com as formas fracas dos estados de consciencia semelhantes e anteriores. Ao contrario : « Grupos de estados de consciencia se juntam simultaneamente ás formas fracas de grupos

semelhantes e anteriores. A idéa de um objecto ou de um acto é composta de grupos de estados de consciencia semelhantes, tendo relações semelhantes que se produsiram na consciencia de tempos a tempos e formaram uma serie consolidada cujos membros parcial ou completamente perderem sua individualidade. » E mais : « Esta união de grupos de estados de consciencia passados attinge um mais alto grau de complexidade. Grupos de grupos se fundem com grupos de grupos analogos que os precederam : e nos typos superiores do espirito, series de estados de consciencia excessivamente compostas são da mesma maneirá produzidas. »

O que se tem dicto dos estados de consciencia deve com as necessarias restricções igualmente entender-se das relações entre os estados de consciencia. Estas distinguem-se umas das outras em relação ao grau ou a especie de contraste existente entre seus termos : e cada relação ao mesmo tempo que se distingue das diversas relações concurrentes, é assimilada a relações semelhantes e anteriores. D'ahi as idéas de relação, como as de contraste forte, contraste fraco, intensidade ascendente ou descendente, genero homogeneo ou heterogeneo. « Ao mesmo tempo produz-se uma segregação de especie differente, diz Spencer. Cada relação de coexistencia é classificada com outras relações semelhantes de coexistencia e separada das relações de coexistencia dissemilhantes. O mesmo quanto ás relações de sequencia. Finalmente por uma ultima segregação formam-se este abstracto consolidado das relações de coexistencia que chamamos espaço, e este abstracto consolidado das relações de sequencia que chamamos tempo. »

Vejamos agora como esta doutrina se liga ao principio fundamental e dominador da philosophia de Spencer.

E' conhecido o papel que representa nesta philosophia a lei de evolução. Evolução é a palavra magica

que tudo explica : na lei de evolução está a decifração do enigma do mundo.

Spencer explica como se segue o modo porque sua interpretação dos phenomenos psychicos está subordinada a esta lei e com ella se conforma. Em primeiro logar a evolução é uma integração progressiva, e o que se mostra como facto fundamental nas operações do espirito é justamente uma integração progressiva.

Uma sensação é uma serie integrada de choques nervosos ou unidades de estados de consciencia, e não sómente se integram os choques nervosos, formando sensações simples, como estas que já são integrações, por sua vez se integram, combinando-se e associando-se umas com outras, e d'ahi as sensações compostas. Depois uma integração de sensações semelhantes experimentadas successivamente produz o conhecimento de uma sensação como tal ou tal e cada sensação ao mesmo tempo que se integra assim com sensações semelhantes une-se tambem em aggregado com outras que se limitam no tempo e no espaço. E os grupos integrados que d'ahi resultam entram ainda em integrações superiores. A integração dos processos mentaes, partindo dos elementos mais simples, vae, pois, sempre tomando maiores proporções e é nas phases superiores do espirito que mais claramente se vê a heterogeneidade crescente destes aggregados de sensações integradas.

Entre as sensações, umas ha que facilmente se ligam, sendo nellas muito pronunciada a tendencia para a integração : em outras, porém, a integração é indeterminada, sendo que pouca tendencia têm para unir-se e só fracamente se integram. As primeiras é que principalmente concorrem para a composição do espirito ; as segundas representam papel secundario no processo da mentalidade. Só as sensações da primeira especie, em regra, originadas do tacto, do ouvido e da vista, é que dão logar ás operações que chamamos propriamente mentaes. As outras são mais de caracter physiologico

que pscychico, estando neste caso a fome, a sêde, a nausea e todas as sensações visceraes em geral, bem como os sentimentos de amor, de odio, de colera, etc.

O tacto, o ouvido e a vista são os sentidos por excellencia. E' d'elles que principalmente resulta o conhecimento, sendo d'elles originadas as operações propriamente mentaes. Tractando-se destas operações, tractando-se do processo geral da composição do espirito, tudo se explica por integração e por integração progressiva. As sensações auditivas, que tão importante papel representam na vida mental, combinam-se em grupos e os grupos por ellas formados por sua vez se combinam formando grupos de grupos. O mesmo com relação ás sensações visuaes em que a integração e heterogeneidade ainda são mais elevadas, podendo-se admittir ou antes sendo certo que as sensações visuaes são as mais importantes na elaboração do conhecimento. O tacto fornece no mesmo sentido um importante contingente e passando d'ahi para as operações de caracter racional, é ainda por integração que tudo se explica nos processos mais complicados do raciocinio « em que as sensações multiformes que os objectos nos dão pelos olhos, pelos ouvidos, pelo tacto, pelo paladar e olfacto, são reunidas em concepções que correspondem aos objectos com todos os seus attributos e todas as suas actividades. »

A evolução tal como se manifesta na natureza manifesta-se no espirito. « A conformidade é completa, diz Spencer. O espirito se eleva ao que é universalmente reconhecido como suas formas mais altas, á proporção que manifesta os caracteres da evolução em geral. Podemos conceber o espirito nascente que possuem estes typos inferiores em que os nervos e centros nervosos não são claramente distinctos uns dos outros, nem dos tecidos em que se acham, como uma faculdade de sentir confusa, formada de pulsações de consciencia recurrentes, mas pouco variadas e pouco combinadas. Em um grau acima, quando os nervos apenas são

incompletamente isolados, o espirito apresenta-se provavelmente sob a forma de um pequeno numero de sensações que, como as nossas sensações viscoraes, são vagas, simples e incoherentes. Em grau superior, a evolução mental mostra uma differenciação destas sensações simples em diversas especies de sentidos especiaes, uma integração sempre crescente destas sensações entre si e com outras especies, uma multiformidade sempre crescente na estructura destes aggregados. Isto é, produz-se subjectivamente uma mudança que vae «de uma homogeneidade indefinida, incoherente á uma heterogeneidade definida, coherente» parallela á redistribuição de materia e movimento que constitue a evolução em suas manifestações objectivas». A evolução tem, pois, duas formas: a forma objectiva que é a lei da natureza e a forma subjectiva que é a lei do espirito.

(Continúa).

Fatias Brito.